

"Nem renúncia, nem deposição, nem suicídio."

Foi a resposta de Sarney aos repórteres, ontem em São José dos Campos, que queriam saber qual sua reação, se a nova Constituição não for de seu agrado. "Não desejo interferir de nenhuma maneira", disse.

"Já tenho dito que três coisas não podem ocorrer: nem renúncia, nem deposição, nem suicídio". Esta foi a surpreendente resposta do presidente José Sarney, ontem à tarde, em São José dos Campos, quando — ao final de uma rápida entrevista — uma repórter perguntou-lhe se tinham fundamento os rumores de que ele estaria disposto a renunciar caso a próxima Constituição não fosse de seu agrado. Sarney havia inaugurado o Laboratório de Integração e Testes do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e estava a caminho do ônibus que o levaria ao aeroporto.

— Qualquer decisão que seja tomada pela Assembléia Nacional Constituinte estará de acordo e não desejo interferir de nenhuma maneira — assegurou o presidente.

Também causando surpresa aos jornalistas, após ler um discurso de cem linhas preparado para a solenidade, Sarney fez um longo improviso, referindo-se ao clima de pessimismo que reina no País, ao "Brasil que cria ilusões e desilusões a cada hora e a cada momento".

— Tenho a satisfação de dizer que existem dois Brasil. E não estou falando dos Brasis da riqueza e da pobreza. Estou falando do Brasil ágil, do Brasil turbulento, do Brasil crítico, do Brasil pessimista, do Brasil que trepida dia-a-dia, do Brasil que cria ilusões e desilusões a cada hora e a cada momento. Mas há um outro Brasil: este Brasil que nós presenciamos aqui no silêncio dos laboratórios, no silêncio das fábricas, das mãos e dos saberes que, dia e noite, anonimamente, fazem com que este País tenha partido da posição de um dos mais subdesenvolvidos do mundo para colocar-se no estágio que já lhe dá asas para o grande vôo do futuro de nossa Pátria. Este Brasil silen-

cioso não tem pessimismo — disse Sarney, em tom emocionado.

No final do discurso improvisado, acrescentou que "um presidente da República deste País não pode olhar somente o Brasil turbulento, que é o nosso jeito brasileiro de ser, mas sobretudo olhar esse Brasil silencioso que não se vê, porque é nele que nascem as esperanças e a coragem que temos para vencer as dificuldades do dia-a-dia, porque o estadista tem o dever, como dizia Churchill, de não ver o presente, mas olhar o futuro".

Elogiou também o governador Orestes Quéricia, "que vem realizando à frente do Executivo deste Estado um governo de grande eficiência, que sem dúvida marcará a história de São Paulo". Ante tão elogiosas referências ao governador paulista, um repórter perguntou-lhe na entrevista se considerava Quéricia um bom nome para sua sucessão.

— Acho que sim. Orestes Quéricia é um político que tem todas as qualificações para ser candidato à Presidência da República, mas a decisão é dele — foi a resposta. Disse ainda que considera normal as articulações já em curso tendo em vista a sucessão presidencial: "É um fenômeno normal. Acho que na democracia isso sempre existe e faz parte do campo político. Políticos do grandes Estados têm pretensões presidenciais". Sarney garantiu, entretanto, que, por enquanto, não tem nenhuma preferência: "Estamos tão longe da apresentação de candidatos, não é?"

Lançamento

Em outra rápida entrevista que concedeu antes de embarcar para Brasília, o presidente deu a entender que pretende legar

como uma das marcas de seu governo o lançamento do primeiro satélite de fabricação nacional da base de Barreira do Inferno. Seu objetivo é que o lançamento ocorra antes de março de 1989, quando deverá deixar o governo, caso prevaleça no plenário da Constituinte a decisão da Comissão de Sistematização que reduziu seu mandato de cinco para quatro anos.

Anunciou ainda que até o final deste ano inaugurará "a primeira fábrica de enriquecimento em cascata de urânio, colocando o Brasil no mesmo nível dos grandes países industrializados do mundo", referindo-se ao Projeto Aramar, que está sendo executado pelo Ministério da Marinha em Iperó, no interior de São Paulo.

Conforme estava previsto em sua agenda, o presidente Sarney desembarcou pontualmente às 14h40 na ala militar do aeroporto de São José dos Campos. A comitiva presidencial veio num Boeing 737 da FAB. Acompanhavam Sarney os ministros Bayma Denis (Gabinete Militar), Renato Archer (Previdência Social), Luís Henrique da Silva (Ciência e Tecnologia) e Almir Pazzianotto (Trabalho). Em companhia de sua mulher, dona Marly, o presidente foi recebido na estação de autoridades por Orestes e Alaide Quéricia.

Os funcionários do Inpe e do Centro Tecnológico Aeroespacial (CTA) comemoravam o aumento salarial concedido na véspera pelo presidente, através de decreto. Segundo o ministro Luís Henrique, eles tiveram seus níveis salariais equiparados aos da iniciativa privada, com percentuais variáveis.

A visita a São José dos Campos demorou apenas duas horas e quarenta minutos. Às 17h20 a comitiva presidencial retornou a Brasília.

O laboratório já estava pronto há dois meses

O laboratório de testes de satélites do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) que o presidente José Sarney "inaugurou" ontem, em São José dos Campos, está funcionando há dois meses. Apesar de ter custado aos cofres públicos cerca de 30 milhões de dólares, foi construído e equipado sem a realização de concorrência pública.

O próprio diretor-geral do Inpe, Marco Antônio Raupp, confirma: a primeira empreiteira contratada em novembro de 84 pa-

ra a construção do Laboratório de Integração e Testes (LIT), único no gênero na América Latina, foi a Consic, mas o instituto rompeu o contrato no começo do ano passado, alegando que a empresa não estava respeitando o cronograma de obras previsto no edital de licitação pública. Em seguida, o diretor-geral do Inpe, baseando-se no Decreto-Lei nº 200, de 1967, concluiu o prédio de seis andares e comprou sua sofisticada aparelhagem. Contratou, também sem con-

corrência, uma firma para fornecer nitrogênio pelo prazo de dez anos.

Raupp justificou a não realização da concorrência dizendo que "recomeçar todo o processo licitatório depois do rompimento com a Consic poderia significar novos prejuízos e um atraso de pelo menos dois meses, o que é inaceitável no programa espacial brasileiro", que pretende lançar quatro satélites, dois meteorológicos e outros dois de sensoriamento remoto.

Quem foi ao Planalto cumprimentar o presidente

Os cumprimentos de fim de ano que o presidente Sarney recebeu ontem não chegaram a atingir o quórum de 280 parlamentares — número obrigatório para votar qualquer matéria no plenário da Constituinte. Os exatos 215 senadores e deputados que compareceram ao Palácio do Planalto foram suficientes para convencer Sarney de que o governo não terá mesmo apoio na defesa das teses de seu interesse. A maioria dos parlamentares retirou-se após os cumprimentos, recusando-se até a participar da pequena recepção onde foram servidos refrigerantes e petiscos, identificados como os mesmos vendidos em saquinhos plásticos, nos supermercados.

Sarney não demonstrou desgosto por causa disso. Parecia satisfeito ao saber que havia previsões de entendimento entre as lideranças do Centrão e do PMDB sobre a votação das mudanças no regimento interno. "Em princípio, estamos bem encaminhados" — foi a resposta que Sarney ouviu de Roberto Cardoso Alves, um dos coordena-



Sarney: cumprimentos, sem quórum. nadores do Centrão. O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, confirmou: "Se depender de mim, o acordo sairá".

A fila dos cumprimentos foi encabeçada por Ulysses e pelo senador Humberto Lucena. Fernando Henrique Cardoso veio a seguir — e provocou surpresa no Planalto, já que é considerado um dos inimigos de Sarney por seu empenho na defesa dos quatro anos de mandato. Os senadores Mário Covas e José Richa, outros dois defensores da redução, preferiram não comparecer. Marco Maciel, Jorge Bor-

nhaus e Carlos Chiarelli, todos do PFL, compareceram, mas retiraram-se logo depois dos apertos de mão.

"Brasil 2000"

"Não importa se haverá eleições no ano que vem. Estamos trabalhando pelo Brasil." A afirmação do cientista político Hélio Jaguaribe foi para justificar ontem a entrega a Sarney da nova versão do projeto "Brasil 2000", cuja execução ficará nas mãos de seu sucessor. É um plano plurianual de governo que ficará pronto em março próximo

e, segundo Jaguaribe, estabelece as linhas básicas para erradicar a pobreza absoluta até a virada do século.

Com Jaguaribe estiveram com Sarney outros 63 cientistas políticos de 14 países, que participaram da elaboração de um documento sobre a importância da integração latino-americana e o papel do Brasil nesse contexto. O próprio Sarney justificou o comportamento conjunto dos países da América Latina dizendo que essas nações precisam defender juntas os seus interesses. "Acabou a época dos auxílios", constatou. "Isso não há mais. Não vamos esperar a vinda desse Messias que jamais virá."

De acordo com Sarney, o caminho é a integração — "assim todos poderão participar em pé de igualdade". Sarney disse ainda que, tanto do ponto de vista cultural como científico, há uma desintegração no continente: "Não estamos tirando vantagens da formação de equipes para a troca de experiência que nos permitirá a preparação para o século XXI".